

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

DOUGLAS HENRIQUE DE SOUZA LOURENÇO
KEVIN LUCAS RODRIGUES DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
NA SOCIALIZAÇÃO DO ALUNO AUTISTA**

RECIFE/2022

DOUGLAS HENRIQUE DE SOUZA LOURENÇO
KEVIN LUCAS RODRIGUES DE OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA SOCIALIZAÇÃO DO ALUNO AUTISTA

Projeto apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação física

Professor Orientador: Dr. Edilson Laurentino dos Santos.

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

L892i Lourenço, Douglas Henrique de Souza
A importância da educação física escolar na socialização do aluno
autista. / Douglas Henrique de Souza Lourenço, Kevin Lucas Rodrigues de
Oliveira. Recife: O Autor, 2022.

32 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Edilson Laurentino dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Licenciatura em Educação física, 2022.

Inclui Referências.

1. Educação física escolar. 2. Transtorno do espectro autista. 3.
Socialização. I. Oliveira, Kevin Lucas Rodrigues de. II. Centro Universitário
Brasileiro - UNIBRA. III. Título.

CDU: 796

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por nos ajudar a ultrapassar todos os obstáculos que encontramos durante esses cinco anos de curso, pela saúde, sabedoria e fraternidade.

Aos nossos pais que depositaram toda a confiança na gente, pelo o amor incondicional e por serem responsáveis também por mais essa conquista. Aos nossos irmãos que sempre nos incentivaram.

A minha namorada Amanda, por todo amor, respeito, compreensão, incentivo através de gestos e palavras de força para superar todas as dificuldades.

Aos nossos colegas de classe, por todo tempo que passamos juntos, por todo aprendizado, foram momentos únicos que levaremos para a vida.

Um agradecimento infinito ao nosso orientador, Me. Edilson Laurentino e por ter aceitado nos orientar, pela paciência e por ter nos ajudado a encontrar nosso caminho, somos gratos pela sabedoria compartilhada conosco.

Aos professores que foram cruciais para nossa formação. Profissionais excelentes, inteligentes, que nos transmitiram conhecimento para atuarmos como Educadores Físicos.

À coordenação do Curso de Bacharelado e licenciatura em Educação física do Centro Universitário Brasileiro, por ter nos proporcionado a estrutura necessária para que pudéssemos crescer academicamente e pessoalmente.

Ao Centro Universitário Brasileiro, por ter sido a nossa segunda casa por todos esses anos.

Nossos sinceros agradecimentos!

“Algumas pessoas gostariam que algo acontecesse. Algumas desejam que aconteça. E outras fazem acontecer.”

(Michael Jordan)

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA SOCIALIZAÇÃO DO ALUNO AUTISTA

Douglas Henrique de Souza Lourenço
Kevin Lucas Rodrigues de Oliveira
Edilson Laurentino dos Santos¹

Resumo: O transtorno do espectro autista (TEA) é definido como um conjunto de sintomas ligados a uma deterioração no desenvolvimento neurológico, bem como comportamentos repetitivos, comprometimento da fala e dificuldade de socialização e comunicação não verbal. De acordo com a American Psychiatric Association (2014) existem três níveis de associação: leve, moderado e grave. O TEA diagnosticado como leve requer menos suporte, mas um TEA diagnosticado como grave necessita de cuidados mais especializados. A Educação Especial do Ensino Escolar é uma modalidade de educação escolar preferencial nas escolas para alunos com transtornos, superdotados e com altas habilidades, de acordo com o artigo 58 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei no 9394/1996).

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo reconhecer a importância da educação física escolar para a inclusão do aluno autista. **Métodos:** Para a elaboração dessa pesquisa utilizamos como metodologia uma revisão bibliográfica exploratória através de buscadores online, como o Google acadêmico, no qual foram selecionadas informações relevantes, levando em consideração os objetivos principais do estudo. **Considerações parciais:** A educação física é necessária para a evolução humana, pois busca englobar o ser como um todo. Além disso, a escola é obrigada por lei a aceitar, incluir e desenvolver alunos com TEA, uma vez que é responsabilidade do estado fornecer educação básica a todos os alunos, sendo eles com TEA ou não. E para isso acontecer o colégio deve contratar profissionais capacitados para o desenvolvimento deste trabalho, obtendo maiores resultados com o público TEA. Vale frisar que a educação física escolar é de suma importância no progresso da criança promovendo não só uma melhor socialização como também atuando na sua autonomia, coordenação motora, equilíbrio, velocidade, diminuindo movimentos estereotipados e agilidade, conseqüentemente oferecendo uma melhor qualidade de vida dentro e fora do ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Transtorno do Espectro Autista – TEA. Socialização.

¹ Doutro em Educação (UFPE); Mestre em Educação (UFPE); Licenciado Pleno em Educação Física (UFPE); Prof. do Curso de Graduação em Educação Física (UNIBRA); E-mail: edilson.santos@grupounira.com

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1- Fluxograma de exclusão dos artigos.....	18
---	----

QUADROS

Quadro 1 - Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.....	19
Quadro 2 - A subdivisão dos Resultados.....	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	17
4. RESULTADOS.....	18
4.1 A educação física em um contexto inclusivo.....	22
4.2 Desafios da inclusão de alunos autistas nas atividades físicas.....	24
4.3 A importância da educação física no desenvolvimento e socialização do aluno com TEA.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é definido como um conjunto de sintomas ligados a uma deterioração no desenvolvimento neurológico, bem como comportamentos repetitivos, comprometimento da fala e dificuldade de socialização e comunicação não verbal. Além disso, podem apresentar uma variedade de sintomas, incluindo hiperatividade, perda auditiva, problemas gastrointestinais e epilepsia. Normalmente, os primeiros sintomas aparecem ao longo da infância e duram até a idade adulta (VIANA, 2020). De acordo com a American Psychiatric Association (2014) existem três níveis de associação: leve, moderado e grave. O TEA diagnosticado como leve requer menos suporte, mas um TEA diagnosticado como grave necessita de cuidados mais especializados (JESUS, 2021).

O direito à educação é um direito constitucional, assim como uma atividade de cidadania. Todos têm o direito de usar as instalações educacionais municipais, estaduais e federais. De acordo com o Artigo 2 inciso 9 do Decreto nº 6.094/2007, a união irá garantir o acesso e permanência de pessoas com necessidades educativas especiais nos cursos regulares, reforçando a inclusão educativa nas escolas públicas através de incentivos e apoios (VIANA, 2012).

A Educação Especial do Ensino Escolar é uma modalidade de educação escolar preferencial nas escolas para alunos com transtornos, superdotados e com altas habilidades, de acordo com o artigo 58 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/1996). A integração de um aluno autista em sala de aula deve ser feita com cuidado, levando em consideração as necessidades do indivíduo. Para isso, a equipe escolar deve estabelecer uma relação de confiança com esse aluno, respeitando seu tempo e espaço de aprendizagem como autista. Além disso, os métodos de ensino devem ser diferenciados e as necessidades de aprendizagem devem ser atendidas para que esse aluno seja incluído no ambiente escolar (VIANA 2012).

Diante desses aspectos, a educação inclusiva surge como meio de melhorar significativamente a socialização e comunicação do aluno com o TEA, bem como a sua aprendizagem e desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo. O exercício físico auxilia no desenvolvimento motor promovendo uma melhora significativa na coordenação da criança e os diversos movimentos desempenhados proporcionam uma maior flexibilidade, lateralidade e equilíbrio. Além disso, ao praticar exercícios físicos são

liberados hormônios e neurotransmissores, dentre eles a serotonina que atua como tranquilizantes e calmantes diminuindo a ansiedade (ZIEMBRA, 2020).

Quando uma criança com TEA entra pela primeira vez na escola, é comum demonstrar inflexibilidade de uma forma exagerada. Assim como para o professor, é um momento para novas experiências para essa criança também. Nessas situações, as reações que as pessoas com TEA podem exibir variam, podendo incluir choro, movimentos repetitivos, apego a determinados locais específicos dentro da escola, e desobediência às ordens do professor. Isso ocorre, pois, ainda existe uma ligação com a rotina antiga. Para assegurar o melhor resultado, é fundamental que os professores que trabalham diretamente com essas crianças estejam preparados e essa supervisão seja contínua. E cabe ao professor de educação física trabalhar no desenvolvimento da coordenação motora fina e grossa de crianças, bem como adaptar equipamentos como uma cadeira de rodas e andadores (DIAS, 2020).

No que se diz respeito aos métodos utilizados para educar crianças com autismo, uma variedade de intervenções educativas podem ser aplicadas, dentre elas uso de reforço positivo, como elogios ou apresentação de objetos de sua escolha ou até mesmo comida para corrigir comportamentos inflexíveis. Como esse grupo tem uma gama tão ampla de necessidades individuais de aprendizagem, não há uma abordagem única para a educação.

Para refletirmos e aprofundarmos o nosso tema, definimos como problematização, mediante ao que foi pesquisado sobre a educação física escolar adaptada e levando em consideração que o papel de um professor não é apenas ser um mediador e sim de orientador que estimula aprendizagem e desenvolvimento, através das interações construídas durante o envolvimento de toda turma, como o exercício físico adaptado em ambiente escolar pode ajudar na socialização e desenvolvimento do aluno com transtorno espectro autista (TEA)?

Definimos como objetivo geral da nossa pesquisa analisar a importância da Educação Física Escolar para a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA. E OS ESPECÍFICOS SÃO: 1. Conceituar o autismo e verificar os diferentes graus; 2. Contextualizar a Educação Física e sua presença na Educação Especial E 3. Identificar a contribuição da Educação Física Escolar para a inclusão do aluno com transtorno de espectro autista bem como seus desafios

A Educação Física é uma área que tem considerável influência na inclusão e desenvolvimento de alunos com TEA num contexto escolar. Para promover a inclusão

escolar e um desenvolvimento bem sucedido, os docentes devem ter um conhecimento profundo do desenvolvimento cognitivo, motor e sensorial, bem como um conhecimento profundo dos exercícios físicos que pretendem ensinar aos seus alunos e um conhecimento profundo dos métodos e planejamento que irão utilizar.

É comum os professores se sentirem nervosos e inseguros quando se deparam com alunos com alguma limitação, assim como é normal, considerar a possibilidade de solicitar professores especializados.

Essas ideias surgem pelo desconhecimento dos educadores físicos sobre o tema inclusão e as limitações diante das dificuldades, em meio a isso, tendo em vista que há pouco conhecimento por parte dos profissionais, esse estudo possui a finalidade de contribuir para o conhecimento de futuros educadores físicos e estudiosos da área.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Autismo, seus diferentes graus e diagnósticos

Segundo o artigo autismo: uma revisão bibliográfica autismo se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva. Seus primeiros sintomas/sinais são perceptíveis na infância e persistem até a idade adulta. Esses indivíduos frequentemente apresentam outras condições simultâneas, dentre as quais: epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) (SANCHES, 2020).

Epidemiologicamente, a incidência é de 20 a cada 10 mil nascimentos e é quatro vezes mais comum em homens do que em mulheres. Suas características clínicas gerais incluem: Falta de comunicação, não conseguem manter contato visual, retração, apatia, desinteresse, desconhece sua identidade, incapacidade de julgamento, indiferença em relação ao ambiente que vive, ansiedade frequente e excessiva, sem causa aparente, hiperatividade, movimentos repetitivos e entorpecimento nos movimentos que precisam de habilidade (COELHO, 2006).

As causas do autismo são desconhecidas, porém alguns pesquisadores atribuem a uma base genética. As causas do autismo podem ser divididas em duas categorias:

idiopática (que representa 90-95% dos casos) e secundário (que inclui fatores ambientais, anormalidades cromossômicas e doenças monogênicas). Estudos genéticos humanos recentes sugerem que os genes SHANK (SHANK1, SHANK2 e SHANK3) estão envolvidos no autismo idiopático. Mutações nesses genes causam uma disfunção sináptica, que leva ao comportamento autista (COUTINHO, 2015).

Os Fatores ambientais possuem um papel no surgimento de novos eventos genéticos que levam ao TEA (Transtorno do Espectro do Autismo). Por exemplo, mutações na linhagem germinativa masculina podem resultar em novas mutações em descendentes. A primeira triagem abrangente de todo genoma para regiões cromossômicas implicadas no autismo encontrou 354 marcadores genéticos distribuídos em oito cromossomos: 2, 4, 7, 10, 13, 16, 19 e 22, com as regiões 7q, 16p, 2q e 17q sendo o mais significativo. Síndrome do X - Frágil é a condição mais comum encontrada em estudos etiológicos de condições que podem causar ou estar ligadas ao autismo (COUTINHO, 2015).

De acordo com o manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais (DSM), há alguns comportamentos específicos que evidenciam o TEA. Em meio a isso, a DSM-V fixou quatro diagnósticos em apenas um diagnóstico: transtorno autista, síndrome de asperger, Transtorno invasivo do desenvolvimento e transtorno desintegrativo da infância em um único diagnóstico chamado transtorno do espectro autista ou TEA. Além disso, o diagnóstico do TEA é definido pelos níveis de intensidade dos sinais e sintomas, dentre eles: dificuldade de comunicação, socialização e comportamentos restritivos ou repetitivos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Embora não seja mais utilizada a diferenciação dos tipos de TEA, é necessário entender essa classificação, mesmo que seja complicada, pois, apesar das diferenças não serem tão nítidas, muitos diagnósticos foram feitos antes de 2015.

A síndrome de Asperger, é considerada leve, pessoas com este diagnóstico possuem um alto funcionamento, inteligência acima da média ou normal, porém, possuem características marcantes como prejuízo na interação social; dificuldade em ler expressões faciais, linguagem corporal e dicas sociais; não compreender ironia, metáfora ou humor; falta de contato visual e comportamentos repetitivos (AMY, 2001).

O transtorno autista é considerado um nível de intensidade grave do espectro e apresenta como sintomas: dificuldade na interação social, problemas de comunicação, comportamentos repetitivos, distúrbios de sono e alimentação, entre outros. Crianças

nesse extremo geralmente optam por brincar sozinhas, possui pouco ou nenhum interesse pelos outros ou pelo mundo, além disso, necessitam de um grande suporte (AMY, 2001).

No transtorno desintegrativo infantil, há marcos de desenvolvimento nos primeiros anos, posteriormente a esse período, existe um declínio na comunicação, habilidades de linguagem, sociais, motoras e autocuidado. Esse transtorno é considerado de extrema gravidade do espectro (AMY, 2001).

Quando o diagnóstico não se encaixava em nenhum dos critérios para autismo, o diagnóstico era dado como transtorno invasivo do desenvolvimento, também denominado como autismo atípico. Os sinais e sintomas desse transtorno incluem: déficits no comportamento social, fala e linguagem mal desenvolvidas, dificuldade em aceitar a mudança, comportamentos repetitivos, entre outros (AMY, 2001).

Como citado anteriormente, o TEA é medido pela gravidade do comprometimento. Grande parte desses transtornos possuem algum nível de deficiência intelectual e o grau varia de leve (nível 1) até grande (nível 3), podendo passar pelo moderado (nível 2). No nível 1, há pouca necessidade de suporte, existe uma dificuldade na interação, mas não limita a socialização. Já no nível 2 (moderado), existem déficits na habilidade de comunicação verbal e não verbal com menos intensidade que no nível 3 (severo). Necessitam de um maior suporte, devido às dificuldades de linguagem. No nível 3 (severo), há uma necessidade maior ainda de suporte, pois, estes indivíduos apresentam déficits de comunicação e socialização graves. Além disso, possuem limitações de interação e capacidade cognitiva afetada. Se isolam e há pouca flexibilidade no comportamento (SILVA, 2009).

2.2 A Educação Física Escolar e sua ação na Educação Especial

A educação física é o ramo da ciência que estuda o desenvolvimento humano ou seja estuda o homem em movimento, ginástica, brincadeiras, esportes e dança são exemplos de educação física que atendem aos objetivos de estudar o corpo humano em movimento. O objetivo das práticas corporais é desenvolver a interação social, os aspectos cognitivos, o desenvolvimento motor e o desenvolvimento afetivo em suas salas de aula (LOPES, 2021).

De acordo com a legislação educacional brasileira, a Educação Básica é dividida em três níveis de ensino: infantil, fundamental e intermediário. Como resultado, reconhecemos que a educação física desempenha um papel importante na educação infantil, pois proporciona às crianças experiências variadas por meio de situações nas quais elas podem criar, inovar, descobrir e reelaborar conceitos e ideias sobre o movimento e suas ações, além de, garantir novas experiências: culturais, individuais, experiência de socialização com outras pessoas que não estão relacionadas ao ambiente familiar (BASEI, 2008).

O banco nacional comum curricular (BNCC) garante que a integração de crianças com TEA é um direito da criança e também uma responsabilidade da escola e do professor de educação física. Nesse sentido, a Emenda Constitucional Federal nº 91, de 18 de fevereiro de 2016, estabelece que é dever do Estado oferecer educação inclusiva. Em seu artigo destaca: Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 2016).

Tendo em vista as dificuldades significativas que os alunos com TEA enfrentam na interação e comunicação social, bem como as infinidades de restrições comportamentais e padrões repetitivos. É possível apresentarem um grau maior de complexidade para compreender e realizar atividades, muitas vezes sendo necessária a intervenção do professor. Diante disso, as estratégias de ensino do professor devem ser ajustadas e modificadas de acordo com cada aluno, levando em consideração que cada aluno possui características únicas, permitindo que todos participem das atividades de forma positiva (DA SILVA MACIEL, 2017).

Vale salientar que a educação física é de suma importância no progresso da criança, considerando que há uma evolução no desenvolvimento promovendo melhora na autonomia, interação social, qualidade de vida, coordenação motora, além de unir a parte motora e cognitiva, proporcionando um bom condicionamento físico e gasto de calorias; Isso tudo utilizando a ludicidade (CANTALICIO, 2016). Algumas estratégias podem ser utilizadas como: 1) Analisar o aluno com TEA para conhecer as características, a fim de subsidiar o desenvolvimento de um plano de aula que inclua atividades que atendam às necessidades do aluno; 2) combinação de vários métodos; 3) criação de parcerias colaborativas. A partir do momento em que o professor tem informações a respeito das especificidades do aluno, compreendendo não só suas dificuldades, como também suas potencialidades, torna-se possível desenvolver um

plano educacional com estratégias que permitam ao aluno com TEA participar das aulas de educação física (COSTA 2017).

Contudo, os professores podem utilizar uma variedade de métodos, desde aqueles que são "padronizados", ou que possuem respaldo científico, como o método "Sherborne", além de desenvolver seus próprios métodos mediante a sua experiência ou seja durante a sua atuação com o aluno autista. Quando esses métodos são combinados, eles podem ser mais eficazes para a inclusão dos alunos (COSTA 2017).

O método Sherborne ou "Relation Play" consiste em promover o desenvolvimento da autoconsciência, autoconfiança, comunicação e interação social através da educação do movimento. Esse método foi criado com o intuito de atender crianças com dificuldades e deficiências específicas, e a partir da sua aplicação e dos resultados obtidos, estudiosos abriram novas áreas de estudo e atividade, hoje, os exercícios e movimentos propostos pelo método contribuem para a assistência de grupos distintos, elevando os níveis corporais e oferecendo uma qualidade de vida. E apesar do método não funcionar com todos os TEA, ela permite uma melhor interação entre eles e seus pais, familiares, educadores e colegas, o que nem sempre é fácil de fazer, tornando essa técnica um recurso valioso para atingir esse objetivo (LIMA, 2007).

Um estudo realizado por Yilmaz et al, (2004) com o objetivo de investigar habilidades motoras e aptidão física, analisou um aluno com TEA de 9 anos de idade durante 10 semanas, 3 vezes na semana a criança praticava aulas de natação por 60 minutos. Esse autor acreditava que a natação auxilia no desenvolvimento da linguagem e proporciona um bom ambiente para intervenções, e que as crianças com TEA reagem bem às atividades aquáticas. Além disso, essas atividades incluem: teste de caminhada para verificar a função cardiorrespiratória (Vo_2), equilíbrio, força muscular, velocidade, dentre outros. Ao finalizar o estudo foi concluído através do método de observação que os movimentos estereotipados do aluno diminuíram e houve uma melhora no equilíbrio, velocidade, força muscular e agilidade (YILMAZ, 2004).

Apesar de existirem poucos estudos sobre os benefícios das práticas de educação física em alunos com TEA no ambiente escolar. Um estudo de Oliveira et al, (2014) destacou que a prática da natação enfatizou não apenas o desenvolvimento de habilidades aquáticas, mas também o reconhecimento emocional, interação social, saída do sedentarismo e autonomia. Além disso, as atividades com recreação também foram amplamente exploradas nos estudos escolhidos. A utilização de situações lúdicas e

jogos promove o desenvolvimento intra/interpessoal, a aprendizagem de línguas, a consciência cultural e a apresentação de ideias (OLIVEIRA, 2014).

Outro estudo relatado no artigo expressão corporal/dança para autistas - um estudo de caso, examinou as contribuições da expressão corporal e da dança para o desenvolvimento social e emocional de um autista. Neste estudo, uma criança de 10 anos com TEA participou de aulas de danças durante o período de 1 ano, 2 vezes na semana. Inicialmente as abordagens da professora consistia em utilizar músicas já conhecidas pelos alunos, com o objetivo de despertar o interesse da criança com TEA, em sequência voltou para sua rotina diária, pois, observou que já havia um desenvolvimento afetivo estabelecido, além disso, a educadora criou situações fora da rotina levando a aluna a se adaptar a situações-problemas. Foi concluindo que a dança pode ser uma boa alternativa de inclusão escolar e social, porque foi observado que ao proporcionar uma condição a criança virá a se comunicar de diferentes formas, além disso, foi constatado uma mudança de comportamento durante as aulas, houve uma melhora não só na comunicação como também na interação e expressão corporal (BOATO, 2014).

Sendo assim, para garantir que as atividades dos educadores sejam bem sucedidas, é fundamental enfatizar a necessidade de formação e desenvolvimento contínuo dos professores para melhor atender as necessidades das crianças com TEA. Por esse ângulo, a Lei de Diretrizes e Base (LDB) destaca em seu artigo:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

[...]

III – Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; (BRASIL, 1996).

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo foi elaborado através de Pesquisas Bibliográficas, que segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir de materiais já elaborados, como artigos científicos, revistas eletrônicas, livros e etc, fazendo-se necessário analisar as informações para descobrir incoerências utilizando fontes diversas, e utilizando com cautela para obter uma pesquisa bibliográfica com qualidade, tendo a vantagem de permitir ao investigador utilizar uma ampla quantidade de dados, baseando-se diretamente das fontes encontradas.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados eletrônicos SCIELO, PUBMED, SBV, acessadas através do site de busca Google Acadêmico, tendo um caráter exploratório e descritivo com base nos dados dos artigos científicos, dando continuidade às buscas em outras fontes de pesquisas. Serão utilizados os seguintes descritores: Educação Física Escolar. Transtorno do Espectro Autista – TEA. Socialização onde foram utilizados, os operadores lógicos AND, OR e NOT para auxiliar os descritores e os demais termos utilizados para localização dos artigos.

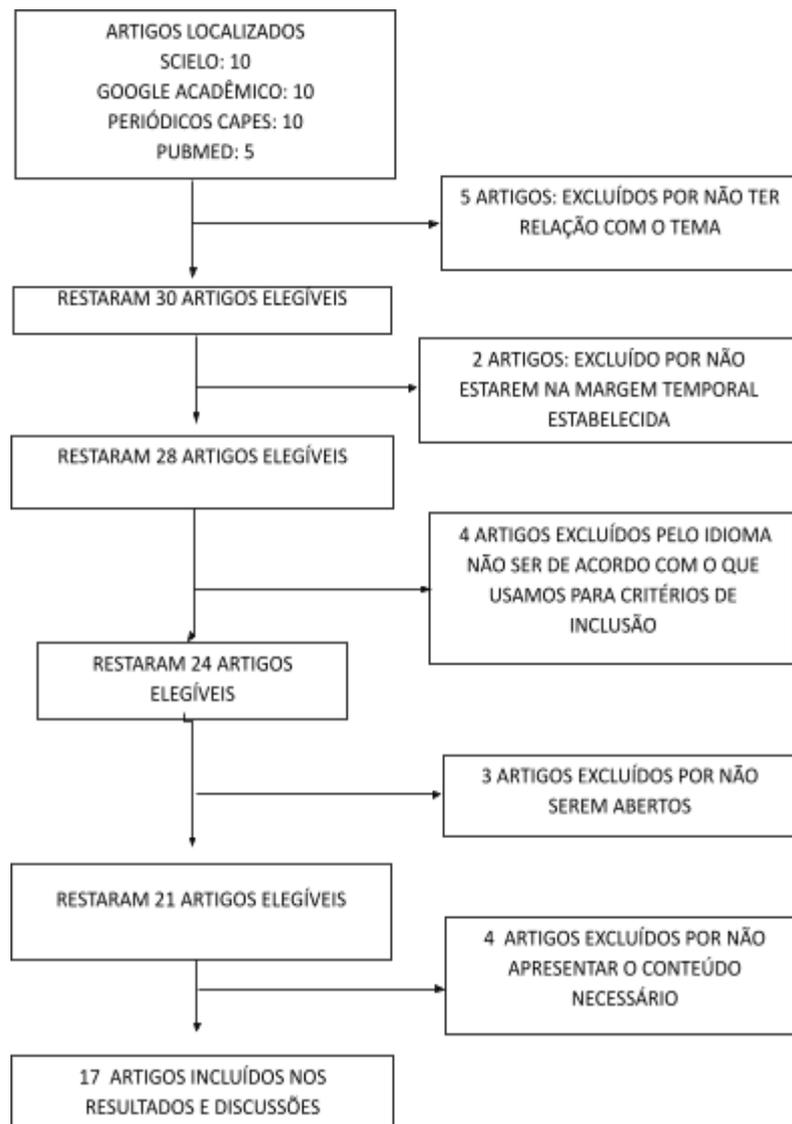
Fizemos a análise do material bibliográfico utilizado os artigos de maior relevância que atenderem aos seguintes critérios de inclusão: artigos publicados no período de 2001 até 2022, de língua portuguesa e inglesa. Os critérios de exclusão serão artigos que não estiverem dentro do recorte temporal e não tiverem relação direta com o tema pesquisado.

A etapa de coleta de dados foi realizada em três níveis, sendo eles: 1. Leitura exploratória do material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se as obras consultadas são de interesse do trabalho); 2. Leitura seletiva e sistemática (leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam) e 3. Registros das informações extraídas das fontes em instrumento específico. Em seguida, realizaremos uma leitura analítica com a finalidade de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que as etapas possibilitem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.

4. RESULTADOS

Abaixo temos um fluxograma que explica todo o processo dos critérios de exclusão dos 18 artigos.

Figura 1- Fluxograma do processo de exclusão dos artigos para os resultados



Fonte: Do autor

Quadro 1: Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	INTERVENÇÃO	RESULTADOS
Yilmar; Yanarda; Birkan; (2004).	O objetivo deste estudo foi determinar os efeitos dos exercícios aquáticos e da natação no desempenho motor e na aptidão física, observar o comportamento de um sujeito autista ao se familiarizar com a piscina e observar o desenvolvimento de habilidades de natação para iniciantes em crianças com autismo	Experimental.	Criança diagnosticada com autismo.	Avaliação: Uma criança de 9 anos diagnosticada com TEA participou de treinamentos de natação três vezes por semana, duração de 60 minutos por sessão, durante o período de 10 semanas.	Nesse estudo ficou constatado que a prática do esporte proporcionou melhorias no equilíbrio, agilidade, velocidade, força muscular nas extremidades superiores e inferiores, flexibilidade e aptidão cardiovascular. Além da redução de comportamentos estereotipados das mãos.
Aguiar; Duarte; (2005).	Investigar os significados da inclusão de pessoas com necessidades especiais nas aulas de educação física no sistema regular de ensino.	Experimental.	Assistentes técnicos pedagógicos de Educação Física (27 a 58 anos)	Foi utilizado um questionário do tipo semi-estruturado com os professores.	Indicaram que para realizar a inclusão os professores necessitam de: a) apoio do governo, no que se refere a oferecimento de cursos de reciclagem; b) auxílio técnico pedagógico especializado; c) estrutura adaptada do espaço físico; e d) material didático adequado
Falkenbach ; Diesel; Oliveira; (2010)	Os objetivos do estudo são investigar a trajetória do brincar em diferentes situações da criança durante as sessões: as situações de jogo e de exercício.	Experimental.	criança autista.	Uma criança diagnosticada com TEA participou de sessões semanais de psicomotricidade e com duração de 90 minutos cada, durante seis meses.	Durante as aulas, a aluna do TEA demonstrou afetividade, socialização e iniciativa para participar de algumas atividades .
Boato; Sampaio; Campos; Diniz; Albuquerque;	O objetivo deste estudo de caso, realizado no período de agosto de 2010 a junho	Experimental.	Criança autista de 10 anos.	Um estudante com diagnóstico de TEA aos 10 anos participou de atividades envolvendo	Foram observadas mudanças no comportamento sócio-emocional do aluno, manifestando-se em alguns casos como livre

(2014).	de 2011, foi verificar as contribuições de um trabalho de expressão corporal e dança no desenvolvimento socioemocional de um Autista.			corporal e dança duas vezes por semana durante um ano	expressão corporal e ações comunicativas .
Santos; Silva; Santos; Silva; (2017).	Analisar as contribuições das aulas de Educação Física para a inclusão do aluno com TEA	Experimental.	02 professores, sendo um de Educação Física e uma pedagoga	O instrumento de coleta de dados é uma entrevista semiestruturada .	Os resultados mostraram que as aulas de Educação Física contribuem de forma positiva para a inclusão do aluno com TEA em contexto escolar, de forma que as vivências nessas aulas propiciaram melhorias no desenvolvimento das habilidades motoras e nas relações sociais deste aluno
Niumar; Xavier; Strapasson ; Medeiros; Machado; (2017).	Objetiva o relato das atividades de Educação Física realizada com um aluno autista de grau moderado.	Experimental.	Observação direta do Trabalho de um professor com um aluno autista de grau moderado.	Utilizou-se um roteiro de observação, onde o foco foi o processo de inclusão na turma, juntamente com as dificuldades na realização das atividades e posterior reorganização das mesmas, de modo que o aluno desenvolvesse suas potencialidade	Após a análise dos resultados, podemos constatar pela professora de Educação Física da escola que: Muitas das dificuldades enfrentadas pelos profissionais envolvidos na inclusão desses alunos são causadas pela falta de compreensão das necessidades especiais, falta de qualificação profissional para auxiliar o aluno autista e os demais alunos especiais no processo de inclusão.

Neste trabalho foram selecionados 59 artigos, entre os quais 39 foram incluídos diretamente como base bibliográfica, e utilizados como fonte de estudos e evidências sobre A Importância da educação física escolar na socialização do aluno autista bem como as definições de autismo, seus graus e o papel da educação física na educação especial. Dentre os quais 17 artigos foram utilizados nos resultados e 18 excluídos. Os 18 artigos foram excluídos por não apresentarem informações relevantes que pudessem contribuir no conhecimento de futuros educadores físicos e estudiosos da área. Além disso, esses artigos não abordavam diretamente os temas centrais do trabalho.

Diante disso, os resultados foram separados em três eixos temáticos principais, desse modo foram divididos em três subtítulos que são: Tópico 1 - A Educação Física em um contexto inclusivo. Tópico 2- Desafios da inclusão de alunos com TEA nas atividades físicas. Tópico 3- A importância da educação física no desenvolvimento e socialização do aluno com TEA. Abaixo temos um quadro ilustrando a subdivisão dos temas discutidos nos resultados.

QUADRO 2 - A subdivisão dos resultados

RESULTADOS E SEUS SUBTÍTULOS
<ul style="list-style-type: none"> ● A educação física no contexto inclusivo.
<ul style="list-style-type: none"> ● Desafios da inclusão de alunos com TEA nas atividades físicas
<ul style="list-style-type: none"> ● A importância da educação física no desenvolvimento e socialização do aluno com TEA.

No primeiro subtópico deste trabalho iremos descrever rapidamente as definições de educação inclusiva, além das mudanças no cenário educacional para atender os requisitos dos alunos com necessidades especiais. Além disso, discutiremos sobre a educação física como disciplina em um contexto inclusivo e analisar como a cultura competitiva da educação física impacta na exclusão e resistência desses alunos às aulas.

Por seguinte, no segundo subtópico dos resultados, analisamos os desafios da inclusão de alunos com TEA nas atividades físicas na perspectiva dos professores, pais e alunos, apresentados no artigo “Educação Física Inclusiva e Autismo: perspectivas de

pais, alunos, professores e seus desafios”, dentre outros artigos relacionados ao tema do subtópico.

No último subtópico, analisamos e discutimos a importância da educação física na socialização do aluno com TEA, bem como suas contribuições no desenvolvimento do autista. Além de perceber como a disciplina de educação física na escola, é um importante fator para o desenvolvimento cognitivo, social e psicológico desses discentes.

4.1 A Educação física no contexto inclusivo

O conceito de educação inclusiva pode ser definido como o avanço de uma educação adequada de alta qualidade para indivíduos com necessidades especiais. Culturalmente as escolas modernas foram preparadas para atender as expectativas de um perfil determinado de estudante, atualmente diante de uma demanda variada, as instituições tiveram que reorganizar o sistema com estratégias de ensino que atendam também alunos com necessidades especiais (NETO, 2018).

Entretanto, mesmo com essas mudanças ainda é alarmante muitas escolas não possuem uma qualidade na educação e apresentarem uma prática mais excludente do que inclusiva, principalmente na área de educação física, pois, não é uma tarefa fácil por precisar de dedicação e experiência dos profissionais, porém, apesar disso, ultimamente há um crescente interesse acadêmico em abordagens terapêuticas complementares nos benefícios que as práticas esportivas promovem sobre os sintomas do TEA (SCHLIEMANN, 2020).

Sendo assim, para que a sociedade avance e torne-se integrativa e igualitária é preciso entender que o processo inclusivo é a garantia de acesso ao espaço comum da vida em sociedade, definida por condutas de acolhimento e aceitação das diferenças individuais que proporcionam chances de crescimento, com qualidade, em qualquer condição de vida (SANTOS, 2017).

Em meio a isso, as Políticas Nacionais de Educação Especial estabelece no artigo 2º que “os sistemas educativos devem matricular todos os alunos, obrigando as escolas a organizarem-se para a educação dos alunos com necessidades educativas especiais, garantindo as condições para uma educação de qualidade para todos”. Esses direitos também são reafirmados na Lei da Criança e do Adolescente, no Plano Decenal de Educação para Todos, nos Marcos Curriculares Nacionais (NCFs) e na Política de

Educação Especial do Ministério da Educação e Cultura (1994), que nos atribui a todos a tarefa de perseguir e realizar essa inclusão (SOUZA, 2006).

De acordo com o mesmo autor, não há como construir uma escola inclusiva baseada apenas em padrões, em vez disso, deve haver um esforço para mudar valores, atitudes, posturas e práticas pedagógicas, considerar as necessidades individuais dos alunos, respeitar seu ritmo e nível de aprendizagem, reconhecer que a sala de aula é feita de diversidade, e essa diversidade deve ser o foco do planejamento educacional. Nesse sentido, a inclusão vai muito além de simplesmente proporcionar às pessoas com deficiência o acesso ao ensino regular, mas também forçará uma reorganização estrutural de um sistema educacional que se baseava em princípios elitistas e discriminatórios.

As atividades desportivas por muitos anos foram apenas consideradas competitivas, conseqüentemente gerando um estigma e uma certa resistência à inclusão de alunos que não eram classificados como capazes de obter um bom desempenho em competições. Diante dessa visão, com base na cultura esportiva competitiva, muitas dessas propostas eram aplicadas nas aulas de educação física nas escolas pelos professores. Quando os exercícios são utilizados sem fundamentos inclusivos, é uma atividade que não acarreta a cooperação, não valoriza a diversidade, ocasionando sentimentos frustrantes, além de ser uma fonte de exclusão. É importante frisar que, a educação física é uma das únicas disciplinas que têm legislação própria para dispensar alunos, dentre os quais aqueles que possuem determinados perfis biológicos com dificuldades motoras (AGUIAR, 2005).

Em síntese, a educação física (EF) como disciplina curricular, não pode ser imparcial ou neutra, diante do contexto inclusivo. Há inúmeros argumentos pelos quais a EF, pode ser auxiliar na composição de uma educação inclusiva. Primeiramente, pois, os conteúdos ministrados podem ser dosados e ter um menor grau de determinação e rigidez que as demais disciplinas, além disso, o professor estabelece a organização dos assuntos e a dinâmica da aula. Por conseguinte, os profissionais de educação física desenvolvem atitudes mais positivas favoráveis à inclusão, conseqüentemente, elevam menos problemas e encontram soluções rápidas para sanar casos difíceis (RODRIGUEZ, 2003).

4.2 Desafios da inclusão de alunos com TEA nas atividades físicas

O transtorno do espectro autista (TEA) como citado anteriormente é um transtorno de caráter social e cognitivo caracterizado por dificuldade de comunicação, interação social e déficits comportamentais. Dessa forma, os exercícios físicos e atividades físicas surgem como uma possibilidade terapêutica de tratamento de diversas complicações associadas ao TEA, melhorando o condicionamento físico, saúde, metabolismo, qualidade de vida, além de contribuir na coordenação motora, interação social, comunicação e comportamentos. Entretanto, esses aspectos também limitam as oportunidades de participação do aluno durante as aulas tornando um grande desafio o ensino da educação física e dos esportes (SCHLIEMANN, 2020).

Segundo SCHLIEMANN em seu artigo “Educação Física Inclusiva e Autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios”, os pais executam o papel principal no incentivo e envolvimento dos filhos em atividades físicas, sendo capaz de facilitar ou até mesmo dificultar a participação deles. Estudos sugerem que crianças com deficiência necessitam de um maior suporte familiar para aderirem a essas atividades. Cada vez mais os pais de crianças com deficiência estão enfatizando a atividade física e reconhecendo seus benefícios, tanto psicológicos quanto sociais. Porém, eles reconhecem a existência de múltiplas barreiras decorrentes de diversos fatores como: características individuais de seus filhos, questões relacionadas à dinâmica familiar, falta de programas de atividade física adaptados às necessidades individuais das crianças e escassez de profissionais qualificados para lidar com dificuldade motora, falta de políticas públicas e incentivo institucional.

Em um estudo baseado na experiência de alunos brasileiros com deficiência, demonstrou que apesar de existir inúmeros benefícios sociais e psicológicos, os estudantes com deficiência relataram que não enxergavam as aulas de educação física como um ambiente afetuoso e que lá menosprezavam suas necessidades e interesses. Além disso, foi relatado neste mesmo artigo que apesar da interação com os colegas, experiências positivas e a possibilidade de novas amizades, existiram narrativas negativas como o bullying, exclusão por parte dos próprios alunos devido a falta de habilidade com algumas atividades propostas, vestiários barulhentos e corredores cheios que provocava ansiedade (SCHLIEMANN, 2020).

Assim como os pais efetuam um papel fundamental na promoção e oferta de oportunidades para que seus filhos participem de atividades físicas e esportivas,

SCHLIEMANN frisa que as habilidades dos professores de educação física são fundamentais para acomodar alunos com deficiência em suas salas de aula. Entretanto, em um estudo de Rekaa, Hanisch e Ytterhus apontou que dentre os desafios diários de inclusão os professores destacam que o maior era lidar com alunos com deficiências graves nas aulas de educação física, além disso, muitos deles se sentiam despreparados e não sabiam atender as necessidades dos estudantes com TEA. Outra situação negativa comum era que muitos não possuíam planos de aula detalhados adaptados à formação acadêmica (REKAA, *et al.*, 2019).

De acordo com o artigo “O ALUNO AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – AS DIFICULDADES E OS CAMINHOS PARA O PROCESSO DE INCLUSÃO” estudo do autor PLAUTZ o monitor é um mediador importante no tratamento e no processo educativo dessa criança. E é o elo entre educadores, pais e alunos. Nesse mesmo estudo, os professores relataram que apesar da escola possuir um profissional capacitado e um monitor, crianças autistas ainda resistem em aprender e aderir atividades novas, dificultando a inclusão da criança em um programa de tratamento (PLAUTZ, *et al.*, 2017).

Obruniskova e Dillon, investigaram os principais desafios mencionados pelos professores de educação física que ensinavam alunos com TEA. Os desafios levantados pelos professores foram divididos em nove categorias: comportamento disruptivo e hiperativo, dificuldades sociais, dificuldades de regulação emocional, dificuldades de compreensão e realização de tarefas, falta de flexibilidade para aderir a diferentes rotinas e estruturas, isolamento dos colegas, efeitos na aprendizagem dos colegas e a necessidade de assistência. De acordo com as autoras, grande parte das dificuldades relatadas pelos professores decorrem da necessidade de usar instruções de alto nível, comandos, contato físico e auxílio de um professor. Os professores também relataram que o comportamento desacompanhado e hiperativo exigia um esforço extra deles para fornecer supervisão adicional para manter os alunos do TEA focados na tarefa (OBRUNISKOVA, 2012).

SCHLIEMANN também menciona que muitos dos desafios encontrados pelos docentes se davam ao fato dos professores não possuírem treinamento e capacitação para realizarem aulas adaptadas que contribuem para o processo de uma inclusão mais favorável e uma melhor autoeficácia dos professores (SCHLIEMANN, 2020).

Sendo assim, por fim, o estudo concluiu que os déficits sociais do TEA tiveram profundas consequências no desenvolvimento dos alunos, particularmente na

aprendizagem de situações cooperativas e competitivas, contextos em que os alunos lutavam para interagir com seus pares. Quando não gerenciados adequadamente, os desafios descritos pelos docentes podem resultar em baixa motivação para participar das atividades físicas propostas, isolamento social, baixa autoestima, ansiedade, agressividade e comportamentos desafiadores tanto em torcedores quanto em adversários (SCHLIEMANN, 2020).

4.3 A importância da educação física no desenvolvimento e socialização do aluno com TEA.

O processo pelo qual um indivíduo aprende a ser um membro da sociedade é conhecido como socialização, esse processo é considerado benigno e faz com que a criança se desenvolva e se torne conhecida com a finalidade de ingressar no mundo (BERGER, 1977).

De acordo com a Emenda nº 91 da Constituição Federal de 18/02/2016, é dever do Estado prestar atendimento especializado às pessoas com deficiência (PcD), o que inclui o acesso à educação. O ambiente escolar é relevante para o progresso do ser humano, pois pode proporcionar problemas para o aluno resolver, bem como ensiná-lo a lidar com suas emoções, compreendendo “eu, o outro e o nó” (LOPES, 2021).

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cada série visa desenvolver um acampamento de aprendizagem experiencial, e as escolas devem oferecer oportunidades para que esses acampamentos de aprendizagem experiencial se desenvolvam. Uma criança com TEA apresenta dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem devido às características do transtorno. Como resultado, o professor deve compreender as características do TEA para melhor interagir em sua prática educativa. Dessa forma, a escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento dos alunos com autismo, tendo em vista que uma das alterações predominantes no TEA é a dificuldade de interação (LOPES, 2021).

Sendo assim, a interação do aluno autista com outras crianças é importante, porque um aprende com as diferenças do outro, esse contato permite o desenvolvimento intelectual e social (CORREIA, 2021). Em meio a isso, a disciplina de educação física contribui para o desenvolvimento e interação de alunos com necessidades especiais tornando-se imprescindível a intervenção com crianças portadoras do Transtorno do

Espectro Autista, a fim de promover a superação das dificuldades psicomotoras, cognitivas e comportamentais (NUNES, 2018).

Além disso, é necessário que a família e a escola estejam alinhadas e diretamente envolvidas no processo educativo da criança autista, pois é no lar que se inicia a busca pela socialização e pela eficiência do trabalho desenvolvido na escola. É evidente que a evolução de uma criança autista no ambiente escolar também está ligado à promoção de estímulos e à criação de ambientes que estimulem o desenvolvimento dessa criança em todas as áreas desejadas, como linguagem, aptidão, interação e autonomia (NOGUEIRA, 2022).

Apesar de existirem poucos estudos sobre a importância das atividades físicas nos problemas de desenvolvimento apresentados pelos alunos com TEA em um estudo feito por Yilmaz et al, (2004). houve uma pesquisa com uma criança diagnosticada com TEA de 9 anos para constatar os benefícios que a prática de natação proporciona, essa criança participou de sessões de treinamento de natação três vezes por semana durante 60 minutos cada, por um período de 10 semanas. E nesse estudo ficou constatado que a prática do esporte proporcionou melhorias no equilíbrio, agilidade, velocidade, força muscular nas extremidades superiores e inferiores, flexibilidade e aptidão cardiovascular. Além da redução de comportamentos estereotipados das mãos (YILMAZ, 2004).

No artigo “EXPRESSÃO CORPORAL/DANÇA PARA AUTISTAS - UM ESTUDO DE CASO” foi investigado durante 1 ano através de uma criança de 10 anos com TEA que frequentava oficinas de dança os avanços que a atividade promoveu na socialização e emocional do aluno. E ficou confirmado que houve mudanças no comportamento social, emocional, melhora em alguns momentos em suas ações comunicativas (BOATO, 2014). Em outro estudo realizado por FALKENBACH; DIESEL; OLIVEIRA (2010). também houve uma melhora significativa na socialização de uma criança autista, bem como de manifestações afetivas, porém desta vez, foram em aulas semanais de psicomotricidade ou seja aulas que movimentam o corpo por 90 minutos, durante 6 meses (FALKENBACH; DIESEL; OLIVEIRA, 2010).

Desse modo, aulas de educação física que utilizam atividades que promovam o trabalho em equipe, seja em duplas ou em pequenos grupos, podem ser de grande ajuda na incorporação do aluno autista nas atividades propostas, bem como na promoção da interação e até mesmo da colaboração entre os demais alunos. Atividades colaborativas também podem ajudar o aluno autista a melhorar sua linguagem verbal e autonomia, permitindo que ele interaja e colabore com outros colegas, sempre com a

intervenção ativa e estratégica do professor. Bem como, aulas com roteiros pré-definidos tendem a auxiliar os alunos autistas a se integrarem melhor às aulas e se sentirem mais à vontade, pois um sintoma comum do autismo é o apego por rotinas e atividades repetitivas (NOGUEIRA, 2022).

5. CONCLUSÃO

Finalizada a pesquisa, podemos concluir que os objetivos propostos no projeto foram desenvolvidos e concluídos de maneira bastante satisfatória ao longo do processo de elaboração deste trabalho. A partir deste trabalho entendemos que o transtorno do espectro autista se distingue por dificuldades de comunicação entre o autista e outros, atrasos no desenvolvimento da linguagem e a necessidade de manter um ambiente estável. Também é importante que essas crianças se envolvam em trabalhos psicomotores, com foco no desenvolvimento do sistema esquelético, que é responsável pelo reconhecimento do próprio corpo, espaço e objetos.

Entre nossas pesquisas, observamos que a escola é obrigada por lei a aceitar e incluir alunos com TEA, pois é responsabilidade do estado fornecer serviços de educação básica a todos os alunos. Nesse sentido, a inclusão exigirá não apenas a oferta de educação regular às pessoas com deficiência, mas também a reorganização estrutural de um sistema educacional alicerçado em princípios elitistas e discriminatórios.

Por outro lado, é fundamental que a família e a escola estejam alinhadas e envolvidas diretamente no processo educativo da criança autista, pois é deste lado que se inicia a busca pela socialização e pela eficiência do trabalho escolar. A partir disso, podemos concluir também que professores que não possuem treinamento e capacitação para realizarem aulas adaptadas não contribuem para o processo de uma inclusão mais favorável.

Portanto, compreendendo isso, entendemos que a educação física é essencial para o desenvolvimento e inclusão do ser humano, pois visa desenvolver o ser como um todo e suas práticas podem ajudar os alunos com TEA a melhorar sua linguagem verbal, autonomia, melhorar significativamente dificuldades psicomotoras, cognitivas e comportamentais, além de permitir interação com outros colegas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de; DUARTE, Édison. **Educação inclusiva: um estudo na área da educação física**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 11, p. 223-240, 2005.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

Amy, Marie Dominique. **Enfrentando o autismo**. 1a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 195 p.

ARANTES, Márcio Carlini et al. **TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR—UMA REVISÃO DA LITERATURA**, *Revista Intellectus*, v. 61, n.1, p. 100-119, 2020.

BASEI, Andreia Paula. **A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança**. *Revista Iberoamericana de Educación*, n.o 47/3, 2008.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. **Socialização: como ser um membro da sociedade**. 2ª ed. Nova Iorque: FORACCHI, M., MARTINS, J, 1977. p. 203-214.

BOATO, Elvio Marcos et al. **Expressão corporal/dança para autistas-um estudo de caso**. *Pensar a Prática*, v. 17, n. 1, 2014.

CANTALICIO, Monique Aparecida Silva. **CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) NO ENSINO REGULAR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2016. 26 f. Trabalho de conclusão de curso - Centro Universitário do Sul de Minas. Varginha, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/1894>>. Acesso em: 10 out 2022.

CORREA, Raquel de Castro. **DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA AUTISTA E A INCLUSÃO**. 2021. 30 f. Monografia - Faculdade de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/3732>>. Acesso em: 02 set 2022.

COSTA, Camila Rodrigues; FERREIRA, Mariana Oliveira; LEITÃO, Marcelo Crepaldi. **Aulas de educação Física: inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista**. *Educação Online*, n. 26, p. 80-96, 2017.

COUTINHO, J. V. S. C.; BOSSO, Rosa Maria do Vale. **Autismo e genética: uma revisão de literatura**. *Revista Científica do ITPAC*, v. 8, n. 1, p. 1-14, 2015.

DA SILVA MACIEL, Eduardo; VIEIRA, Aislan Vanderlei; BARBOSA, Marily Oliveira. **O PONTO DE VISTA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SOBRE O ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).** Encontro Alagoano de Educação Inclusiva, v. 1, n. 1, 2017.

DA SILVA SANTOS, Claudiêda Nunes et al. A contribuição das aulas de educação física para a inclusão do aluno com TEA. **Encontro Alagoano de Educação Inclusiva**, v. 1, n. 1, 2017.

DE MELLO, Lucas Augusto; FIORINI, Maria Luiza Salzani; COQUEIRO, Daniel Pereira. **Benefícios da educação física escolar para o desenvolvimento do aluno com transtorno do espectro autista na percepção dos professores.** Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, v. 20, n. 1, 2019.

DIAS, Hare Lis Amaral Barbosa; BORRAGINE, Solange de Oliveira Freitas. **A inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física escolar.** Revista Expressão Da Estácio, v. 3, p. 2-12, 2020.

FALKENBACH, Atos Prinz; DIESEL, Daniela; DE OLIVEIRA, Lidiane Cavalheiro. **O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 31, n. 2, 2010.

Franciele Zanella; DE FIGUEIREDO GOMES, Roberta. Transtorno do Espectro Autista: **a importância do diagnóstico e reabilitação.** Revista Caderno Pedagógico, v. 12, n. 3, 2015.

JESUS, Nayane Barbosa de. **Educação inclusiva e o transtorno do espectro autista (TEA): desafios na atualidade.** 2021. 34 f. Monografia- Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/2188>>. Acesso em: 03 Abr 2022.

LIMA, Emilene Aparecida de; DELALÍBERA, Edna Salete Radigonda. **A contribuição da educação física na socialização da criança autista.** 2007.

LOPES, Amanda Laíz Silveira. **A educação física no transtorno do espectro autista: uma narrativa sobre a escola.** 2022. 24 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos. Gama -DF, 2022. Disponível em: <<https://dspace.uniceplac.edu.br/handle/123456789/1127>>. Acesso em: 03 Out 2022.

NAYANE BARBOSA DE JESUS, Nayane et al. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): DESAFIOS NA ATUALIDADE.** 2021. 34 f. Monografia - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/2188>>. Acesso em: 29 Set 2022.

NETO, Antenor de Oliveira Silva et al. **Educação inclusiva: uma escola para todos.** Revista Educação Especial, v. 31, n. 60, p. 81-92, 2018.

NOGUEIRA, Geovanna Callazans. **Práticas corporais nas aulas de Educação Física e sua contribuição para a socialização e inclusão de crianças autistas no contexto**

escolar: uma revisão bibliográfica. 2022. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) — Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física. Brasília/DF, 2022. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/30995>>. Acesso em: 01 SET 2022.

NUNES, Ana Lúcia de Sousa Viana; MEDINA, Bianca Amorim; CAMPOS, Luiz Filipe Ramos da Silva. **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**, Laranjeiras, Serra - Es, p. 2-17, 2018.

Obrusnikova I, Miccinello DL. **Parent perceptions of factors influencing after-school physical activity of children with autism spectrum disorders.** *Adapt Phys Act Q.* 2012;29(1):63-80.

PLAUTZ, Ander Niumar. **O ALUNO AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA—AS DIFICULDADES E OS CAMINHOS PARA O PROCESSO DE INCLUSÃO.** *Anais do Seminário Internacional de Educação (SIEDUCA)*, v. 1, n. 1, 2017.

Rekaa H, Hanisch H, Ytterhus B. **Inclusion in Physical Education: Teacher Attitudes and Student Experiences. A Systematic Review.** *Int J Disabil Dev Educ.* 2019;66(1):36-55.

RODRIGUES, David António. **A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas.** *Journal of Physical Education*, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003.

SANCHES, Thayse Tayanne Bastos; DA SILVA TAVEIRA, Leonardo. **Autismo: uma revisão bibliográfica.** *Caderno Intersaberes*, v. 9, n. 18, 2020.

SANTOS, Thiely Kistt; DA SILVEIRA GONÇALVES, Patrick. **DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.** *BIOMOTRIZ*, v. 15, n. 1, p. 246-258, 2021.

SCHLIEMANN, André; ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. **Educação Física Inclusiva e Autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios.** *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, v. 34, n. Esp., p. 77-86, 2020.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. **Diagnosticando el trastorno autista: aspectos fundamentales y consideraciones prácticas.** *Psicología: ciência e profissão*, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.

SOUSA, Francisco José Fornari. **OS BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM AS CRIANÇAS AUTISTAS.** 2022.

SOUZA, JP de. **A Educação Física no contexto inclusivo: análise do curso de capacitação de professores multiplicadores em Educação Física Adaptada.** 2006. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

TOMÉ, Maycon et al. **Educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas.** *Movimento & Percepção*, v. 8, n. 11, 2007.

VIANA, Ana Clara Vieira et al. **Autismo. Saúde Dinâmica**, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2020.

YILMAZ, Ilker et al. **Effects of swimming training on physical fitness and water orientation in autism. Pediatrics International**, v. 46, n. 5, p. 624-626, 2004.

ZIEMBA, Mariluci Ferreira. **Educação física escolar e suas contribuições para alunos com transtorno do espectro autista**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Centro Universitário Internacional. Recife, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.uninter.com/handle/1/781>>. Acesso em: 04 Nov 2022.